

# DE INSPIRAÇÕES E RESSONÂNCIAS: práticas de pensamento e produção textual num processo de ensino-aprendizado

*Of inspirations and resonances: thinking practices and textual production in a teaching-learning process*

Silvia Portugal<sup>1</sup>

Emília Carvalho Leitão Biato<sup>2</sup>

Cintia Raquel Martins Fachada<sup>3</sup>

Leila Silvia Tourinho<sup>4</sup>

Melissa Isabela Borges Martins<sup>5</sup>

**Resumo:** Este artigo visa dar conta de uma experiência pedagógica realizada num Seminário do Doutorado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), Portugal. Procurou-se, num Ciclo de conferências, contrariar o método expositivo e unidirecional, e construir uma abordagem que permitisse às/aos estudantes sair de um papel passivo, e construir posturas reflexivas, críticas e criativas. Buscamos dar conta, neste artigo, de algumas das reverberações desta forma de aprendizagem. O texto apresenta

<sup>1</sup> Doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra/Portugal. Docente Associada da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). Investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES). E-mail: sp@fe.uc.pt. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4567-9101>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFMT. Pós-doutorado pelo CES/ Universidade de Coimbra/Portugal. Docente da Universidade de Brasília (Departamento de Odontologia). E-mail: emiliacbiato@me.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4358-4558>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1776414386448708>.

<sup>3</sup> Doutoranda em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais/Portugal. E-mail: cntiaf57@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/my-orkid?orkid=0009-0009-5800-2758>.

<sup>4</sup> Doutoranda em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Portugal. Docente da Faculdade Católica de Pouso Alegre/MG. E-mail: silvia.mg@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0037989972422932>.

<sup>5</sup> Doutoranda em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Portugal. E-mail: melissamartins1999@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9012-5476>.

parte do resultado desta experiência pedagógica, relatando as repercussões de uma das Conferências. Trata-se de um estudo realizado na forma de uma pesquisa colaborativa, que pressupõe a co-construção de um objeto de conhecimentos entre pesquisador/a e participantes. O artigo apresentou três interpretações autônomas do conhecimento compartilhado durante a Conferência, revelando como a interação foi realizada de forma diferenciada por cada uma. Mostrou-se, assim, por um lado, formas distintas de compreensão do discurso da conferencista, e, por outro lado, como a apropriação realizada por cada estudante resulta das suas reflexões epistemológicas e metodológicas, e dos seus percursos investigativos individuais, promovendo a autonomia dos processos de aprendizagem e contribuindo para a construção de uma academia mais dinâmica e criativa.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizado; Pesquisa colaborativa; Co-construção do conhecimento; Produção textual.

**Abstract:** The aim of this article is to report on a pedagogical experience carried out during a PhD Seminar in Sociology at Faculty of Economics, University of Coimbra (FEUC), Portugal. The seminar was structured as a cycle of lectures aimed at challenging the traditional expository and unidirectional teaching method, fostering an approach that encouraged students to move beyond a passive role and adopt reflective, critical and creative positions. This article seeks to explore the reverberations of this form of learning. It presents part of the outcomes of this pedagogical experience by reporting on the repercussions of one of the conferences. The study was conducted as collaborative research, which involves the co-construction of knowledge between the researcher and the participants. The article offers three autonomous interpretations of the knowledge shared during the conference, highlighting how each participant engaged with the activity differently.

These interpretations demonstrate, on the one hand, the diverse ways in which the lecturer's speech was understood, and on the other, how each student's appropriation of knowledge was shaped by their epistemological and methodological reflections, as well as their individual research trajectories. This approach not only forested autonomy in the learning processes but also contributed to building a more dynamic and creative academic environment.

**Keywords:** Teaching-learning; Collaborative research; Co-construction of knowledge; Textual production.

## INTRODUÇÃO

Este artigo visa dar conta de uma experiência pedagógica realizada num Seminário do Doutorado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), Portugal. O Seminário em causa denomina-se Ciclo de Conferências e pretende trazer palestrantes de diferentes áreas temáticas das ciências sociais, que correspondam aos interesses de pesquisa das/os estudantes. Tradicionalmente, o Ciclo seguia um modelo convencional, centrado no formato de palestra, com espaço para debate, funcionando quinzenalmente.

No ano letivo de 2023/2024, na primeira aula, a docente (Sílvia Portugal), propôs uma co-construção do programa do Ciclo, que não atendesse apenas aos interesses de pesquisa de cada um/a, mas que abrisse campos de escuta para áreas disciplinares, temáticas e metodologias diversas, tendo todas as semanas um/a convidado/a. Como modelo de avaliação, as/os estudantes foram desafiadas/os a selecionar uma conferência e dialogar com ela, a partir das suas abordagens teórico-metodológicas. A seleção foi realizada após a conclusão do Ciclo, de modo que o conjunto completo de opções

estivesse disponível para a seleção do diálogo, estabelecido através de um texto de 3-5 páginas, compartilhado com as/os conferencistas.

O objetivo era transformar um espaço tradicional de transmissão de conhecimento, de formato meramente expositivo, com um leque limitado de temas e palestrantes, num espaço dialógico e diversificado em termos de assuntos, formações, propostas, epistemologias e metodologias. Assim foram convidados antigos/as estudantes do Doutorado e do Mestrado, docentes e investigadores/as de outras universidades, investigadores/as estrangeiros/as, que visitavam a FEUC e o Centro de Estudos Sociais, no decurso do semestre.

Procurou-se, neste Ciclo, ao contrariar o método expositivo e unidirecional, desenvolver uma abordagem que permitisse às/aos estudantes sair de um papel passivo, e assumir posturas reflexivas, críticas e criativas, que incorporassem saberes, experiências e subjetividades, construídas em trajetórias já trilhadas durante o percurso formativo anterior. Damos conta, neste artigo, de algumas das reverberações desta forma de aprendizagem. O texto apresenta parte do resultado desta experiência pedagógica, relatando as repercussões de uma das Conferências.

## **1. PERCURSO METODOLÓGICO**

Trata-se de um estudo realizado na forma de uma pesquisa colaborativa, que pressupõe a co-construção de um objeto de conhecimentos entre pesquisador/a e participantes (Desgagné, 2007). Importa, neste percurso, considerar a situação e o contexto em que o fenômeno estudado ocorre — no nosso caso, a criação de um modo de conduzir um ciclo de conferências e estudar suas ressonâncias e efeitos em termos educativos — e incluir esses fatores na estruturação da via de

estudo e do modo de investigar. Isso significa que a produção do objeto de conhecimento passa, necessariamente, pela compreensão dos/as participantes em seu ambiente concreto e seu papel se torna mais atuante: seus modos de olhar “impregnam e influenciam a direção dada às situações de pesquisa” (Desgagné, 2007, p. 9).

É neste sentido que a pesquisa colaborativa também se aplica como pesquisa baseada na experiência e pesquisa liderada por usuários e são

levadas a cabo, total ou parcialmente, pelos sujeitos diretamente interessados no tema da pesquisa, as várias formas de pesquisa colaborativa constroem-se na base de uma reivindicação política inclusiva, entendendo-se que a inclusão cidadã se estende - ou começa - na construção do conhecimento (Marques, 2021, p. 162).

No contexto deste estudo, os papéis entre pesquisadores/as e pesquisados/as foram redefinidos, consolidando uma parceria horizontal, duradoura e baseada na confiança para a produção e análise dos dados.

Relatamos, portanto, os passos deste estudo: a experiência e a conferência em questão. Como resultados e discussão, tomamos, em mãos, os textos produzidos pelas estudantes do doutoramento e participantes da pesquisa aqui relatada.

## **2. A EXPERIÊNCIA**

A Conferência de Emília Biato – O lugar do acontecimento na investigação em Ciências Sociais – foi a que suscitou um maior número de discussões e concentrou o maior número de trabalhos finais para avaliação do Seminário. Três alunas selecionaram esta palestra para dialogar com os seus Projetos de Tese e as suas pesquisas. Neste texto pretende-se mostrar como A Conferência suscitou leituras diferenciadas, que dialogaram com outras referências teóricas e epistemológicas das

estudantes, e/ou as fizeram (re)pensar os seus processos de trabalho e de pesquisa.

A discussão acerca do lugar do “acontecimento” na pesquisa desafia o método linear e de réplica que, ainda hoje, domina o trabalho sociológico. Esta asserção, que incorpora a ideia de um planejamento rigoroso e um caminho previsível é colocada em causa por leituras epistemológicas desafiantes, interpretadas pelas estudantes através dos seus percursos teóricos e empíricos.

Neste artigo, apresentamos, sinteticamente, os argumentos apresentados na Conferência, para, em seguida, perceber seus ecos, no pensamento e na escrita das três estudantes. Procura-se, assim, dar conta de um processo de aprendizagem promotor da intertextualidade. Os enunciados da Conferência desencadearam percursos reflexivos de ordem diversa, de carácter ontológico, epistemológico, metodológico ou, mais operativo, de aplicação no campo analítico da pesquisa empírica.

Cíntia Fachada faz dialogar a conferencista com Annemarie Mol (Mol, 2016) e Dorothy Smith (2005), mostrando como a criação de caminhos alternativos significa uma ruptura com uma visão tradicional e hegemónica sobre o que é produzir conhecimento. Citando John Law,

as estruturas são imaginadas para serem fragmentadas ou imprevisíveis na sua fluidez. Mas, ao mesmo tempo, nas ciências sociais, falar de 'método' ainda tende a evocar um repertório relativamente limitado de respostas (2004, p. 3, tradução nossa).

Desse modo, olhar para a pesquisa como um acontecimento não implica apenas um caminho certo, mas antes indica um labirinto a atravessar, onde vários trajetos são possíveis.

Leila Latuf suscita interrogações ontológicas, dialogando simultaneamente com o discurso da conferencista e com as referências

primordiais desta ao pensamento de Derrida (2007). Joga com o acontecimento de experienciar a Conferência e as possibilidades hermenêuticas oferecidas pelo pensamento do autor, acerca do dizer da experiência para refletir sobre a observação do vivido e a interpretação.

Finalmente, Melissa Martins articula a noção de acontecimento, conforme tratada na Conferência, com o seu campo de estudo e nota que há elementos relacionados aos participantes da pesquisa e a seus discursos que podem ser tratados a partir do conceito estudado.

### **3. A CONFERÊNCIA**

A conferência “O lugar do acontecimento na investigação em Ciências Sociais” tinha, como proposta, abrir um debate acerca da composição de modos de olhar para fenômenos em ocorrência no processo de pesquisa. Pretendia, assim, provocar o pensamento das/os estudantes de doutoramento, a respeito da percepção de que o conhecimento científico opera com situações imprevisíveis e, mais do que um problema, essa constatação amplia sua riqueza e importância.

Sem fazer simples generalizações, é possível constatar que a produção científica nos impulsiona à busca por controle, tendo em vista evitar que as instabilidades de fatores culturais, sociais e culturais influenciem o processo investigativo. Com esse esforço, são criadas condições ideais à pesquisa: as variáveis são estabilizadas; os passos do estudo são definidos a priori e cumpridos à risca; estabelecem-se medidas redutoras de risco de viés, entre outras medidas. A crítica que pode ser feita se volta à pretensa capacidade de garantir, assim, o desvelamento de dados existentes, à existência de fatos e verdades

absolutos e à falta de flexibilidade em relação aos acontecimentos do estudo.

O pensamento ocidental, no nosso tempo, escolheu o fio de Ariadne como uma solução para nossos dilemas do conhecimento, como o estabelecimento de um método como programa que regula antecipadamente uma sequência de operações a executar e que assinala certos erros a evitar, com vista a atingir um resultado determinado.

Interessa, no entanto, olhar para o modo como Nietzsche se aproxima da narrativa mitológica, em textos como *O nascimento da tragédia* (Nietzsche, 2024) e *Além do bem e do mal* (Nietzsche, 2005). Na primeira obra, parece apontar para a princesa de Creta, a partir da modernidade, como “aquela capaz de trazer luz para a saída do túnel, aquela que dissipa a névoa, aquela que é capaz de esclarecer as mentes a respeito dos problemas impostos pelo conhecimento” (p. 264). Já em *Além de bem e mal*, Nietzsche apresenta uma das versões do mito, em que Ariadne vive na Ilha de Naxos, lugar onde fora abandonada por Teseu (Monteiro; Biato, 2008). Resgatada pelo Deus Dioniso, que ama em Ariadne o que ama nos mortais: “animal agradável, valente, inventivo, que não tem igual sobre a Terra. Em todo labirinto ele é capaz de se achar” (Nietzsche, 1977, p. 295, tradução nossa)

A Ariadne de Descartes e de outros metodólogos é responsável por propor o caminho de fuga de Teseu. Dessa perspectiva, o fio se apresenta como a única possibilidade de fuga do herói. A Ariadne vista aos olhos de Nietzsche e criadora de caminhos, de perspectivas, de múltiplos mirantes para o foco do mesmo fenômeno, das coisas, dos valores.



A metáfora de Ariadne expõe, ainda sua ambiguidade — propõe um fio que contém um caminho único e verdadeiro e, quase simultaneamente, se lança nas trilhas errantes do labirinto. “Mas, não seria essa dubiedade a melhor condição do caminhar no labirinto? Não seriam os ambíguos aqueles preparados para as trilhas tortuosas?” (Monteiro; Biato, 2008, p. 266).

A partir da imagem do labirinto, é possível questionar se haveria um caminho certo a ser traçado, na produção de conhecimento científico ou se há vias para se manter o rigor necessário ao saber sistematizado e, ao mesmo tempo, estar atento ao percurso, considerando-o oportuno e cheio de pistas caras à investigação.

Consideramos a possibilidade de que a noção de acontecimento, conforme tratada por Derrida (2012) pode acrescentar elementos a esta discussão sobre as vias de pesquisa. Podemos entender o acontecimento como aquilo que vem, o que está fora de possibilidade de controle. Trata-se de reconhecer que o encontro com o outro já é, em si, um limite ao ímpeto de tomá-lo como algo calculável (Derrida, 2012; Derrida; Roudinesco, 2004).

O acontecimento é também o que vem, o que chega...Há um “sim” ao acontecimento ou ao outro, ou ao acontecimento como outro ou vindo do outro, no qual se pode perguntar se justamente isso se diz, se esse “sim” se diz ou não (Derrida, 2012, p. 233).

É neste sentido que o conceito de acontecimento se mostra útil para, de certo modo criticar a “vontade de verdade” (Nietzsche, 2005, p. 8), que parece bastante circulante em nossos modos de pesquisar e no que tem se firmado como cientificismo:

o estabelecimento de objetos duros, de perguntas diretas e objetivas, e a certeza baseada em explicações cientificamente corretas, evidentes e eficazes. Essa lógica deixa de lado um conjunto de variáveis e de modos de ver — perspectivas, traduções, invenções, sonhos — uma vez que as estabiliza,

recorta, simplifica, em nome do rigor científico (Biato, 2022, p. 308).

Ao nos posicionarmos de forma crítica ao cientificismo, destacamos os valores históricos e socialmente produzidos, entendemos que não há pureza na constituição de conhecimentos e, portanto, é preciso evitar os dogmatismos em nossos estudos.

A disponibilidade ao acontecimento na pesquisa também contribui para a percepção de que esta se efetiva a partir de realidades turbulentas, como é sublinhado na afirmação de John Law (2004, p. 2, tradução nossa):

Minha argumentação é de que os métodos acadêmicos de investigação realmente não captam essas nuances (objetos difusos, complexos, até bagunçados). Então, quais são as texturas que eles estão deixando de fora?

Em sequência do olhar para a impossibilidade de neutralidade do/a pesquisador/a e para a turbulência estabelecida entre caos e rigor epistemológico, discutimos a performatividade na pesquisa, como mais uma característica do acontecimento nas investigações. Na obra *Otobiographies*<sup>6</sup>, Derrida (2009, p. 13) levanta a questão “quién firma, y con qué nombre supuestamente propio, el acto declarativo que funda una institución?”. E, a partir dessa pergunta, afirma o caráter performativo de qualquer assinatura. Por um lado, a assinatura é feita com um nome “supostamente próprio”, como de quem cria um personagem assinante no momento. Deste aspeto, podemos deduzir que, tanto o participante da pesquisa quanto o investigador estão em devir, em processo de tornar-se nunca completos e assinam com seus supostos nomes.

Portanto, diante de algum material pesquisado, reconhecemos que não estamos lidando com absolutos, conforme notamos na

---

<sup>6</sup> Aqui, utilizamos a obra traduzida para o espanhol

afirmação: “las interpretaciones no serán lecturas hermenéuticas os exegéticas, sino intervenciones performativas en la reescritura...” (Derrida, 2009, p. 76).

Durante a Conferência, vimos que o acontecimento, a partir da leitura que fazemos da obra de Jacques Derrida pode provocar o pensamento acerca dos modos de proceder em investigações científicas. O acontecimento, entendido como o que vem, abre a possibilidade de compreender a pesquisa como um processo de criação de caminhos. Nota-se, ainda, que é preciso lidar com o caos e a imprevisibilidade, o que inclui instabilidades e certa perda de controle. Torna-se necessário garantir os rigores científicos a partir da apresentação de fundamentos bem detalhados e claros, tanto do ponto de vista epistemológico, quanto do ponto de vista metodológico, tendo em vista a congruência necessária à produção científica.

Por fim e diante da constatação de que o pesquisador não é neutro, interessa que este assuma seus axiomas, os principais valores envolvidos no gesto de pesquisar, em atos performativos e não simplesmente constatativos. Destaca-se, portanto, que pesquisar o acontecimento está relacionado a uma capacidade de deixar em aberto e levar-se, atento, pelas vias do estudo, ainda que estas sejam labirínticas.

#### **4. RESULTADOS: DAS REVERBERAÇÕES DA CONFERÊNCIA**

##### **4.1. Significados que emergem do campo, por Cíntia Fachada**

Apoiando-se na mitologia grega, Emília Biato evoca a história de Ariadne, princesa de Creta, para introduzir a discussão sobre a lógica de produção de conhecimento científico nas ciências sociais. A história de Ariadne abre horizontes no campo metodológico, uma vez que ensina

como enfrentar um complexo labirinto cujo valor simbólico pode ser integrado no nosso trabalho de pesquisa.

Mas como garantir o rigor científico nessa perspectiva? Emília Biato apoia-se na concepção de acontecimento do filósofo Jacques Derrida. Apesar de não existir uma definição concreta, Derrida dá pistas: algo que faz frente ao maquinal, o que não se controla e o que é imprevisível. O acontecimento surge, nesse sentido, ligado à desconstrução de conceitos pré-concebidos e estabelecidos.

Posto isso, Emília Biato argumenta que o investigador deve adequar-se à imprevisibilidade através da hospitalidade. Estar aberto a inúmeras possibilidades faz com que outros significados possam emergir no campo. O próprio método fornece os dados.

Atentar ao inédito pode ser um exercício exigente dado que o cientista social espera determinados resultados da sua investigação. Contudo, o acontecimento surge precisamente quando o inesperado é captado e quando se deixa que o novo entre. Como devemos, então, estudar os acontecimentos? Em primeiro lugar, a vontade de verdade deve ser posta à parte, evitando o cientificismo e dogmas.

A partir da confecção de uma sobremesa, Annemarie Mol (2016) reflete sobre a clássica questão teórica de como articular, pensar e imaginar um mundo marcado por abundantes tensões e transformações.

Ao desintegrar a receita do *clafoutis*, a autora mostra que vários mundos heterogêneos emergem. Segundo Mol, o segredo para que a “receita” seja coerente ultrapassa a diversidade dos seus componentes: “[...] o *clafoutis* não é apenas um objeto composto no qual os mundos se unem. Ele também oferece um modelo para o que se pode coagular” (Mol, 2016, p. 248, tradução nossa). Um *clafoutis* não deixa de o ser porque um ingrediente é trocado. Aliás, haverá muitas formas de o fazer

e não deixará de ter o mesmo nome. A autora, conseqüentemente, afirma que não são os componentes que definem o prato. O que o caracteriza é, sobretudo, nas palavras de Mol, “o notável composto com uma coerência inarticulável, mas inconfundivelmente barroca” (Mol, 2016, p. 257, tradução nossa).

Com o recurso à metáfora do *clafoutis*, a autora desenvolve uma narrativa na qual lições refletem a produção de teoria e conhecimento. Para Annemarie Mol,

A teoria não fornece uma visão geral, nem um conjunto fixo de apoios sólidos. Em vez disso, é um repositório de sensibilidades, um léxico de ferramentas verbais, um repertório que permite a articulação de preocupações variadas e se enriquece em conversas desdobradas. Como acontece (mas isso não é coincidência), a implicação é que a coerência da teoria que emerge desta forma é realmente bem como a de *clafoutis* (Mol, 2016, p. 257, tradução nossa).

Não há um passo obrigatório e elemento essencial, há muitas possibilidades. As suas variações devem ser o foco de análise, bem como os inúmeros modos de compor tal receita. Deste modo, as diferenças na produção de compósitos devem ser tidas em conta.

Emília Biato afirma que o papel de invenção/criatividade se torna indispensável para estudar o acontecimento, visto que é um caminho repleto de instabilidade. As turbulências fazem, assim, parte do processo. Da mesma forma que a estrela dançante necessita do caos (referência a Friedrich Nietzsche), produzir ciência encontra-se interligada à arte e à filosofia. Os objetos complexos, mais abstratos, podem ser apreendidos a partir do que, naturalmente — em vias de investigação tradicionais —, se deixaria de fora, bem como através das nuances que a teoria não é capaz de captar

Recorrendo também à discussão de John Law (2004) no seu livro *After Method*, Emília Biato sublinha a necessidade de desafiar o

calculável e previsível, características associadas ao conhecimento científico. De fato, ao tentar simplificar uma realidade complexa pelos métodos tradicionais, estamos criando um outro caos, como Law argumenta. Saber lidar com os tumultos no processo de produção de conhecimento é estar consciente dos axiomas dos quais se parte, das referências teóricas que orientam a pesquisa, por também condicionar a realidade social.

Ambicionar uma neutralidade será implausível e impossível se queremos estudar um mundo complexo, difuso, confuso e “bagunçado”. Como John Law afirmou, “Talvez precisemos de repensar as nossas ideias sobre clareza e rigor, e procurar novas formas de conhecer o indistinto e o traiçoeiro sem agarrá-los e segurá-los firmemente” (Law, 2004, p. 3, tradução nossa)

Do mesmo modo, Dorothy Smith (2005), socióloga, conhecida pela sua etnografia institucional (mais do que um método, é uma sociologia), desafia as lentes tradicionais sociológicas ao conceber uma sociologia para todos, que tanto funcione para os homens como para as mulheres. Ao entender que havia uma lacuna relativamente ao género nos estudos da sociedade e nas metodologias vigentes, Smith propõe uma mudança de paradigma, a qual se cimenta a partir do descobrimento de como os diversos mundos cotidianos são construídos nas relações sociais para além do âmbito da nossa experiência, enquanto cientistas sociais.

A etnografia não é orientada pela teoria (estrutura teórica que determina como o real será atendido, dominando e restringindo a seleção e interpretação), como é geralmente idealizada pela sociologia *mainstream* (i.e., Smith menciona o exemplo do estudo de caso ampliado de Michael Burawoy). Não há uma interpretação *a priori*, nem

um compromisso com pressupostos teóricos. O social é apreendido através do entendimento de:

[...] how people's doings in the everyday are articulated to and coordinated by extended social relations that are not visible from within any particular local setting and just how people are participating in those relations (Smith, 2005, p. 36).

A etnografia institucional toma o mundo cotidiano como inacabado, no qual as relações sociais estão presentes a fim de serem exploradas para além dele (Smith, 2005, p. 39). Nesse sentido, o que não é imediatamente observável e visível é o foco de Dorothy Smith, uma vez que a sua linha de investigação se orienta no ato de inquirir e descobrir, “uma problemática é um território a ser descoberto, não uma questão que se conclui em sua resposta. A exploração abre um complexo institucional por ser relevante para a problemática” (Smith, 2005, p. 41, tradução nossa).

Nas suas próprias palavras, Smith explica como interpreta o social,

A etnografia institucional como projeto propõe realizar uma forma alternativa de conhecimento do social em que o conhecimento das pessoas sobre o mundo de suas práticas cotidianas é sistematicamente estendido às relações sociais e às ordens institucionais em que participamos. [...] O compromisso da etnografia institucional é permanecer no mundo da experiência e do conhecimento cotidiano, explorar etnograficamente a problemática que está implícita nela, estendendo as capacidades da etnografia para além das circunscrições do nosso conhecimento comum baseado na experiência, para que as relações sociais sejam observáveis além e dentro dele em que nós e vários outros participam (Smith, 2005, p. 43, tradução nossa).

Como consequência, a tarefa da analista social é um ato performativo (personalizado e situado numa experiência). Pois, a pesquisadora entrega-se à produção de novos sentidos e ao imprevisível; é dotada de uma sensibilidade que faz com que conduza a investigação no campo sem se alicerçar em objetivos e referências epistemológicas e metodológicas rígidas e fixas; e o incalculado e imprevisível é uma

oportunidade para observar o inusitado, o escondido às lentes despojadas de curiosidade e novidade. Tal gesto performativo cria uma assinatura personalizada, a qual varia consoante os valores e pressupostos teóricos da/o socióloga/o.

Nesse sentido, a seleção e interpretação antes dominadas e constrangidas pela sociologia *mainstream* são substituídas pelo compromisso de aprender com as realidades como são experimentadas, dialogadas e escritas por aqueles cujo envolvimento são importantes para a investigação (Smith, 2005).

A arte de analisar um acontecimento é, portanto, criar movimentos deixando opções em aberto, mas recordar os passos para que possa ser possível sair do labirinto com êxito. O investigador nem descobre, nem constata, mas favorece o acontecimento. A forma como os indivíduos coordenam as suas ações é um processo aberto e ativo (Smith, 2005).

Tal como Robin Wagner-Pacifici o afirmou, os eventos, mesmo que pareçam surgir do nada, fazem-nos reparar no contexto “de onde eles irromperam, o horizonte rapidamente recuando de nossa inconsciência” (Wagner-Pacifici, 2017, p. 42, tradução nossa)

A naturalização da dúvida e a abertura ao surpreendente, e àquilo que está fora da zona de conforto da/o socióloga/o, são passos preponderantes na compreensão do mundo social, composto por realidades invisibilizadas que escapam ao método tradicional da produção de conhecimento científico.

Em suma, o trabalho da/o socióloga/o pode ser equiparado ao de um intérprete numa lógica teatral. Há uma personagem criada para apreender o inusitado e o caos inesperado que compõem o social.

#### **4.2. Dizer da experiência, por Leila Latuf**



A Conferência trouxe à luz a força do conceito derridiano de 'acontecimento'. A conferencista protagonizou a razão para se ter e vivenciar uma 'exposição' de ideias, que nos coloca expostos (proposital redundância), sob a influência das palavras do locutor, na medida que interroga nossas crenças e subjetividades, que se projetam, paulatinamente, como sensações de inquietudes, a cada momento que nos sentimos descobertos por tal experiência.

Jacques Derrida, base das ideias trazidas por Emília Biato, defende que a história das ciências humanas é a história da hermenêutica, isto é, da compreensão e interpretação das palavras, em torno da possibilidade do dizer, que se encontra afetado 'na' e 'pela' experiência do acontecimento e da aporia entre o possível e o impossível. "Um impossível que não é somente impossível, que não é somente o contrário do possível, que é também a condição ou a chance do possível" (Derrida, 2012, p. 244).

Para Wagner-Pacifici (2021, p. 12, tradução nossa), acontecimentos são experiências de rupturas, emergem no mundo cotidiano, nos inquietam e nos desorientam.

Os acontecimentos são também inquietos, movendo-se continuamente através do tempo e do espaço, transportados pelas próprias formas que os modelam, à medida que sujeitos históricos situados de forma diversa tentam controlá-los, expandi-los ou eliminá-los.

Formas que transportam significados, e que, no entanto, proporcionam oportunidades para novas ideias. Invoca-se uma pausa, uma temporalidade flutuante, exigente de uma reflexividade que integre rupturas com o tempo – linear, social, interior, epocal.

Assim posto, segue-se uma questão: inseridos dentro daquele espaço temporal, como ouvintes das palavras que serviam inicialmente de guia para as nossas ideias, estaríamos nós no interior de um

acontecimento? Eu diria que 'sim', afinal, era a potencialidade do acontecimento, que movia meus pensamentos como se move uma peça de xadrez. A cada ideia chegada, que cai sobre meu 'colo', seguia-se outra vinda de mim, que a princípio "transgredia" aquela inicialmente imposta, mas que gradativamente, se mostrava plástica ao ser submetida a novas compreensões. Eis, a sensação de ruptura, de fruição que deve emergir de um acontecimento. Uma sensação do "inédito", e porque não dizer do espanto, uma palavra cara à Filosofia, que vem inicialmente do que é incompreensível, porém, potencializador da "vontade de verdade". "O acontecimento coloca em desvio o constativo e o performativo, o 'eu-sei' e o 'eu-penso'" (Derrida, 2012, p. 246).

O acontecimento entendido como método, segundo Biato, é um caminho para a pesquisa, um rigor necessário e portador de força que nos guia e permite caminhar. Carrega a ideia daquilo que vem, o que chega, que não se consegue calcular - uma grande crítica ao estático. Interrogada por essas palavras, questionei-me: Seria a vontade de verdade uma promessa possível das Ciências Humanas ao retratar o acontecimento não como um dizer do 'objeto', mas sim, como o dizer (de um acontecimento) que o dizer produz?

Derrida (2012, p. 249) observa que "a promessa deve ser ameaçada pela possibilidade de ser traída, de se trair ela mesma, conscientemente ou inconscientemente". Segundo o autor, o que ainda não se sabe, o que ainda não aparece - o segredo -, pertence à estrutura do acontecimento. É aquilo que nos cai no colo, verticalmente. Trata-se do sintoma, como produtor de acontecimentos, promotor do 'talvez'.

O sintoma é uma significação do acontecimento que ninguém domina, que nenhuma consciência, que nenhum sujeito consciente pode se apropriar ou dominar [...]. Mesmo o efeito

de verdade ou a pesquisa da verdade é da ordem do sintoma.  
(Derrida, 2012, p. 247).

A imprevisibilidade nos sensibiliza, levanta questões e nos inquieta. É emblemático da alteridade, simboliza um 'dizer que sim', da hospitalidade. (Biato, 2023). Derrida, leitor de Lèvinas, retrata que, a "hospitalidade não consiste simplesmente em receber o que se é capaz de receber [...] o sujeito é um hóspede que deve acolher o infinito para além de sua capacidade de recepção" (Derrida, 2012, p. 241). Quando se acolhe um visitante, a novidade, o ineditismo, deve ser cada vez uma experiência única para que isso seja um acontecimento, único, imprevisível, singular, insubstituível. Isso implica a pressuposição da repetição: "Eu te acolho, isso quer dizer: 'eu te prometo te acolher uma vez mais'" (Derrida, 2012, p. 243).

Emília Biato afirma que o papel da invenção, como território de instabilidade inerente à produção científica, é entendido como um acontecimento, o de fazer vir aquilo que ainda não está aqui (na pesquisa). Aqui, cabe um cuidado; ao se analisar um campo, se a invenção se tornou possível pela estrutura do campo, não pode ser considerada invenção. "Precisamente porque ela é possível. Ela apenas desdobrou, explicitou um possível, uma potencialidade que estava já presente; logo, ela não faz acontecimento". Novamente, Derrida (2012, p. 240) invoca uma aporia, pois para que a invenção seja entendida como acontecimento, "é preciso que apareça como impossível; o que não era possível torna-se possível".

Derrida adquiriu fama ao publicar em 1967, de uma só vez, três livros: *De la grammatologie*, *La voix et le phénomène*, *L'Écriture et la différence*. O autor estabelece o tempo, como espaço incerto, possível e impossível. Intitula o futuro ao dar significado ao que virá. Parece nos dizer que qualquer possibilidade do que virá é insuficiente e, portanto,

uma crítica deve vir da desconstrução que reconhece sua própria insuficiência.

Em sua última entrevista dada ao *Le Monde*, a 19 de agosto de 2004, declarou a necessidade de uma escrita, como um *ethos* intransigente, incorruptível, de escrever e de pensar, sem concessões nem sequer à Filosofia, e sem deixar que a opinião pública, intimidante e obrigue a simplificar ou a reprimir, motivo do gosto rigoroso pelo refinamento, pelo paradoxo e pela aporia (Lawlor, 2023).

Para finalizar, torna-se necessário retomar o que julgo nuclear, tanto na conferência de Biato, como em Derrida - a técnica do 'dizer' como forma de informação, por desenvolver a capacidade do imediato em intervir, interpretar, selecionar, filtrar os acontecimentos. Uma interpretação já se mostra como performática, pois, sendo da ordem do pensar, de "modo naturalmente, não dito, não confessado, não declarado, faz-se passar um dizer do acontecimento, um dizer que faz o acontecimento por um dizer do acontecimento" (Derrida, 2012, p. 237)

Derrida relaciona o ato de interpretar como um 'fazer', como algo que não apenas diz, mas que também cria ou molda o acontecimento por meio da palavra escolhida ao dizê-lo. Assim, interpretar não é apenas um relato de um acontecimento, mas um relato que participa ativamente na construção desse acontecimento por meio do discurso. Assim sendo, o "dizer do acontecimento" passa a ser o próprio ato de interpretar, de dar forma e significado ao que está sendo vivido ou observado.

#### **4.3. O acontecimento no correr da pesquisa, por Melissa Martins**

Seguindo o pensamento de Jacques Derrida, Emília Biato apresentou-nos o Acontecimento como se tratando de algo que vem, que chega, que nos permite questionar ao olharmos para o nosso campo

de investigação. Permite, também, perceber se estamos a romper com o maquinal, com aquilo que já está estabelecido, ou a abrir a pesquisa e o método a um caminho investigativo, a abrir as portas ao caos. Biato fez referência ao exemplo do fio de Ariadne, o fio de lã capaz de criar o caminho, a representação da resolução de um determinado problema ao utilizarmos diversas técnicas.

A Conferência permitiu-me refletir sobre a minha experiência de trabalho de campo e a desenvolver um sentimento de segurança ontológica, face a um caminho que foi de descoberta e constante receio ao longo do percurso de pesquisa. Foi no dia da Conferência que a expressão “desarmar a pesquisa” começou a fazer sentido. Ou seja, termos sensibilidade ao campo, ao andamento da pesquisa, sem perder de vista os objetivos e as referências epistemológicas e metodológicas. As entrevistas que realizei levaram-me a concluir que nenhuma é igual, não só porque as pessoas entrevistadas são diferentes, mas, também, porque nós, ao entrevistarmos, não fazemos sempre as mesmas ações, não dizemos sempre as mesmas palavras e não somos sempre o mesmo tipo de entrevistadora. Ao longo de cada entrevista, a necessidade de me reinventar, de inovar, esteve sempre muito presente.

As palavras de Emília Biato fizeram-me refletir sobre o lugar do Acontecimento na minha experiência de investigação no Mestrado e como ele moldou e modificou a ideia inicial que pretendia desenvolver no Doutoramento. O Mestrado foi o início de um projeto sobre ‘Os impactos da Reprodução Medicamente Assistida nas relações conjugais’. Tratando-se de uma questão tão sensível e da intimidade do casal, a escolha pela realização de entrevistas semiestruturadas foi quase automática, visto ser uma técnica que permite adaptar o roteiro inicial, mediante a situação de cada entrevista. No entanto, ao longo do

trabalho de campo acabei por perceber que não estava, de todo, a desenvolver uma questão que seria crucial para entender os impactos da Reprodução Medicamente Assistida. Ou seja, apesar de conseguir recolher informações relevantes, simultaneamente, acabava por não tocar num acontecimento que agora entendo ser crucial, dada a sua relevância no discurso das entrevistadas - o momento do diagnóstico. Houve um diagnóstico? Como foi receber esse diagnóstico? Qual foi o impacto desse diagnóstico?

Annemarie Jutel (2021) realiza uma importante reflexão acerca do diagnóstico. A autora afirma:

O diagnóstico é particularmente relevante para a experiência da enfermidade. Dado o domínio da medicina como paradigma explicativo da disfunção física e emocional, bem como o papel que o diagnóstico desempenha nas próprias explicações da medicina, o pesquisador crítico do processo saúde e doença deve considerar como o diagnóstico molda a experiência da enfermidade (Jutel, 2021, p. 87).

Ou seja, quando estamos perante um campo de pesquisa diretamente relacionado com a saúde, é importante destacar a fase do diagnóstico, perceber como é que ele influenciou e impactou a pessoa em questão. Na minha pesquisa, apenas comecei a dar relevância a esta questão quando uma das entrevistadas fez referência ao impacto que o diagnóstico de infertilidade teve nela própria e na relação conjugal. Ou seja, a conceção da infertilidade enquanto doença transfigurou o olhar acerca do objeto de estudo. Como refere Jutel (2021, p. 88), “o diagnóstico médico é mais do que o simples nome para uma desordem. [...] trata-se de um acordo sobre o que constitui o rótulo adequado”.

No caso referido, a partir do momento em que foram diagnosticados como sendo um casal infértil, tudo mudou.

Mais que a Reprodução Medicamente Assistida, foi a questão da infertilidade. Ah, levantou questões que nós não nos tínhamos apercebido que existiam, porque um ano depois da nossa filha nascer, nós separamo-nos. Tudo começou exatamente nessa altura e nós não nos apercebemos... estávamos tão assoberbados com fazer este exame e com fazer aquele exame [...] Entretanto fomos tios, quer dizer, havia outras crianças e nós não conseguíamos, esta frustração... embora conversássemos imenso, às vezes eu pensava nisso [...] Meu deus, nós conversávamos sobre o que se estava a passar? O que estávamos a sentir? Os tratamentos? (Andreia, 42 anos)<sup>7</sup>

## 5. DISCUSSÃO: DESDOBRAMENTOS

### 5.1. Não existem amebas<sup>8</sup>

O processo de ensino-aprendizagem buscado no Ciclo de Conferências observado neste estudo parte do princípio de que os sujeitos, que partilham com o/a professor/a a sala de aula, têm muito para aprender, mas também muito para ensinar. Podem não conhecer os “conteúdos”, mas têm experiências e vivências, saberes e conhecimentos que lhes permitem apreender e dar sentido à informação que lhes é compartilhada, de forma pessoal e inteligente.

A concepção das/os estudantes como pessoas livres e críticas, capazes de (re)significar o conhecimento trazido para a sala de aula, permite a definição de um ambiente de co-construção, no qual se estabelece uma relação que privilegia a horizontalidade. Importa,

---

<sup>7</sup> Excerto retirado da Dissertação de Mestrado, “Os impactos da Reprodução Medicamente Assistida nas relações conjugais” (Martins, 2023).

<sup>8</sup> Consideramos esta expressão, a partir da crítica feita por Gabriel O pensador no trecho a seguir:

Eu tô aqui pra quê? Será que é pra aprender? Ou será que é pra aceitar, me acomodar e obedecer? [...]

Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova

Decorei toda lição

Não erreí nenhuma questão. Não aprendi nada de bom, mas tirei dez (boa filhão!) [...]

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi [...]

Eles me tratam como ameba e assim eu num raciocino. Não aprendo as causas e consequências só decoro os fatos.

portanto, o empenho do/a docente por desempenhar um papel de mediador/a, num espaço de liberdade, criatividade e imaginação, contrário à estrutura tradicional, comum noutros ciclos de estudo, em que a/o estudante consome e memoriza acriticamente o que é lhe é transmitido.

Procura-se contrariar a afirmação da letra de Gabriel O Pensador – “Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi” – e estabelecer um espaço dinâmico, de debate e controvérsia, facilitado pela diversidade do perfil dos/as estudantes que o Doutorado em Sociologia integra. Apesar de disciplinar, o Curso capta estudantes de áreas de formação diversas, assim como, de diferentes nacionalidades, idades e género. Este caldo de subjetividades múltiplas apresenta um enorme desafio na gestão dos espaços e tempos das aulas, mas garante um ambiente no qual se promove o entrelaçar do saber académico com outros saberes e outras estruturas simbólicas e culturais.

## **5.2. A tradução**

Usamos o princípio epistemológico da tradução num duplo sentido: por um lado, ao trazer para as aulas teorias, abordagens conceptuais e analíticas, não podemos deixar de partilhar da definição dos teóricos da Teoria do Ator Rede. Afirmam Callon e Latour, num texto fundador, que “por tradução, entendemos todas as negociações, intrigas, cálculos, atos de persuasão e violência, graças aos quais um ator ou força toma, ou atribui a si próprio, a autoridade para falar ou agir em nome de outro ator ou força” (Callon; Latour, 198, p. 279, tradução nossa).

Por outro lado, a valorização da participação das/os estudantes, a postura de co-construção da aprendizagem e o reconhecimento dos saberes de cada um/a, obriga a uma escuta atenta e à construção de



conexões desafiadoras e estimulantes. Não se trata, apenas, de ouvir e desvendar os significados de quem fala, mas sim de tentar (re)criar modos de pensar e agir. Trata-se de pensamento, mas também de práxis.

A tradução implica articular formas de pensamento, explicitar controvérsias, ligar teoria e empiria, estabelecer tramas entre ciência e senso comum, criando nexos inusitados, a partir de um espaço dialógico.

### **5.3. A incomensurabilidade**

O princípio da incomensurabilidade tem, também, uma dupla acepção na prática pedagógica tomada aqui, alicerçada nos contributos de dois autores estruturantes do pensamento que fundamentos a prática de ensino proposta: Paul Feyerabend (1993) e John Law (2004). Por um lado, o reconhecimento da incomensurabilidade do real, que obriga ao recurso a múltiplas teorias e abordagens analíticas para a compreensão da sua complexidade. Por outro lado, a verificação da incomensurabilidade de paradigmas. Esta acepção conflitua parcialmente com o princípio da tradução, tornando-se um desafio na discussão de teorias e potencialidades interpretativas de abordagens diversas. Se, Paul Feyerabend (1993) afirma que a proliferação de teorias é benéfica para a ciência, dado que a uniformidade enfraquece o poder crítico, o desafio pedagógico é como captar interesse e reconhecer validade e legitimidade em perspectivas conflitantes, e não facilmente conciliáveis.

### **5.4.A aporia**

Nos processos que a experiência pedagógica analisada buscou desenvolver, a aporia não significa uma impossibilidade ou um impedimento. Em articulação com os restantes princípios, a aporia representa uma abertura de possibilidades, uma forma de desafiar

noções unívocas e pensamentos homogêneos. Uma forma de, seguindo Jacques Derrida (1996), pensar o impensável.

O *messy world* de que fala Law (2004) – expressão para a qual não conseguimos encontrar uma tradução satisfatória – um mundo complexo, fluido, caótico, exige das ciências sociais formas de pensar e pesquisar transgressoras e desafiantes.

Mais importantes do que as respostas são as perguntas é um dos lemas desse modo de compor as aulas. A aporia não representa um beco sem saída, mas uma via para descobrir a potencialidade do questionamento, quebrando barreiras teóricas e analíticas. Interrogar, desconstruir, problematizar, refletir, observar, experienciar, intuir – práticas e representações que permitem formas originais de jogar o “jogo dos possíveis” (Jacob, 1982).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo pretendeu dar conta de uma experiência pedagógica que procurou perverter os princípios de um modelo de aprendizagem centrado na escuta passiva e na reprodução acrítica do conhecimento, numa forma de ensino-aprendizagem, com um caráter dialógico, crítico e criativo.

Embora ancorado num modelo clássico de palestra, o Ciclo de Conferências do Doutorado em Sociologia da FEUC, do ano letivo 2023/2024, permitiu abrir espaço para a construção de um espaço de encontro, debate e reflexão que transgrediu o formato de integração e reprodução mecânicas do conhecimento, e integrou uma dimensão exegética, baseada nos saberes e trajetórias intelectuais e de investigação de cada estudante.

O artigo apresentou três interpretações autônomas do conhecimento compartilhado durante a Conferência, revelando como a interação foi realizada de forma diferenciada por cada uma. Mostrou-se, assim, por um lado, formas distintas de compreensão do discurso da conferencista, e, por outro lado, como a apropriação realizada por cada estudante resulta das suas reflexões epistemológicas e metodológicas, e dos seus percursos investigativos individuais, promovendo a autonomia dos processos de aprendizagem e contribuindo para a construção de uma academia mais dinâmica e criativa.

Agradecemos ao CNPq (Chamada n. 26/21; Processo n. 425838/2018-8) pelo apoio à realização deste estudo.

## REFERÊNCIAS

BIATO, Emília C. L. A-traduzir o arquivo da docência em aula: novas vias para o pensamento científico. In: AQUINO, Júlio G.; CARVALHO, Cláudia R.; ZORDAN, Paola (org.). **Sandramaracorza**: obra, vidas etc. Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022, p. 298-313.

CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. Unscrewing the big Leviathan: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so. In: KNORR-CRETINA, K.; CICOUREL, A. V. (eds.) **Advances in Social Theory and Methodology**: toward an Integration of Micro-and Macro-Sociologies. Boston: Routledge&Kegan Paul, 1981, p. 277-303.

DERRIDA, Jacques. **Apories**. Paris: Galilée, 1996.

Derrida, Jacques. A certain impossible possibility of saying the event. **Critical Inquiry**, 33(2), 2007, p. 441-461.

DERRIDA, Jacques. **Otobiografías**. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

DERRIDA, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. Abr. 1997. **Revista Cerrados**, v. 21, n. 33, p. 229-251, jan. /jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148>. Acesso em: 23 fev. 2020.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã**: diálogo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DESGAGNÉ, Sylvie. O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 29, n. 15, 2007.

Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4443>.

Acesso em: 14 nov. 2024.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.

JACOB, François. **O jogo dos possíveis**. Lisboa: Gradiva, 1982.

JUTEL, Annemarie. Reflexões sobre o Diagnóstico e a Experiência da Enfermidade. Em **Experiência, Saúde, Cronicidade: um olhar socioantropológico**. Editora Fiocruz, 2021, p. 85-99.

LAW, John. **After method**: mess in social science research. New York: Routledge, 2004.

LAWLOR, Leonard. **Jacques Derrida** (Zalta, Edward N.; Nodelman, Uri (eds.)). Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2023.

MARQUES, Tiago Pires. Aprender a contar-se de outra maneira: questões éticas e epistemológicas sobre a pesquisa colaborativa em saúde mental. In: BARSAGLINI, R.A.; PORTUGAL, S.; MELO, L. (org.). **Experiência, saúde, cronicidade: um olhar socioantropológico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, p. 161-183.

MARTINS, Melissa, I. B. **Os impactos da Reprodução Medicamentosa Assistida nas relações conjugais**. 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2023.

Melo, Lucas. (2021). Podem os «Doentes» Conversar? Afetos, negociações e experiências numa etnografia acerca do viver e do pesquisar sobre (e com) HIV/Aids. In: BARSAGLINI, R.A.; PORTUGAL, S.; MELO, L. (org.). **Experiência, saúde, cronicidade: um olhar socioantropológico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, p. 117–133.

MOL, Annemarie. Clafoutis as a Composite: On Hanging Together Felicitously. In J. Law, & E. Rupert (eds.). **Modes of Knowing: Resources from the Baroque**, p. 242-265. Mattering Press. Disponível em: <https://www.matteringpress.org/books/modes-of-knowing/read/9-o-clafoutis-as-a-composite-on-hanging-together-felicitously>. Acesso em: 8 nov. 2024.

MONTEIRO, Silas B.; BIATO, Emília C. L. Uma avaliação crítica acerca de método e suas noções. **Revista de educação pública**. v. 17, n. 34, p. 255-271, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. (1977). **Oeuvres philosophiques complètes**. V. 14. Fragments posthumes. Début 188 – début janvier 1889. Gallimard, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. Lisboa: Edições 70, 2024.

SMITH, Dorothy E. **Institutional ethnography: A sociology for people**. AltaMira Press, 2005

WAGNER-PACIFICI, Robin. (2021). What is an Event and Are We in One? **Sociologica**, 2021, p. 11-20. Disponível em: <https://doi.org/10.6092/ISSN.1971-8853/11615>. Acesso em: 8 de nov. 2024.

Wagner-Pacifici, Robin. E. **What is an event?** Chicago: The University of Chicago press, 2017.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

PORTUGAL, S.; BIATO, E. C. L.; FACHADA, C. R. M.; TOURINHO, L. S.; MARTINS, M. I. B. De inspirações e ressonâncias: práticas de pensamento e produção textual num processo de ensino-aprendizado. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, nº 21, jul-dez/2024, p. 121-149.